

Os transmontanos sempre tiveram uma atração peculiar pelo Brasil, em particular se a avó paterna lá nasceu ou se o bisavô materno transmontano lá ia ficando para sempre...Pode ser do clima, ou então, é, decerto, das hormonas. Dizem que as brasileiras têm mais «*je ne sais quoi*», mas não descobri se era verdade.

Nem ia lá fazer descobertas destas, apesar de saber que as mulheres com pouca libido mostram melhoras na função sexual após usarem um adesivo com hormonas masculinas de testosterona. A hormona, a que lá chamam *hormônio* apesar de masculino, está presente na mulher, como o verdadeiro viagra feminino.

Isto li em <http://www.terra.com.br/istoegente/204/saude/index.htm>.

A verdade, porém, é que o grupo em que me encontrava tinha na bagagem excesso de livros e de intelecto. Podem ter ponderado a hipótese de verem algumas belezas naturais, mas o motivo que as levava a estarem encafuadas numa caixa de metal a 11 km de altitude durante nove claustrofóbicas horas, nada tinha a ver com as belezas, naturais ou outras.

Dizem que o Brasil é a terra da farra e tudo serve de desculpa para a folia. Constava mesmo que aquela gente é toda de folclore e festa e pouca atenção dá a assuntos sérios, mas eram esses que nos levavam a atravessar o Grande Mar Oceano.

Para muitos, era o batismo daquele continente sul-americano, para outros era uma mera revisitação. A terra é grande, sem fim à vista, povoada por mesclas de gentes diferentes com sotaques bem variados e sangues de muitas etnias.

Antes de partirmos em Ponta Delgada íamos tendo um achaque. Como a SATA e a TAP não partilham sistemas informáticos, apenas um dos quatro membros da delegação dos Açores, tinha voo confirmado no computador do «*check-in*». Uma funcionária da SATA pediu autorização ao «chefe» e resolveu o problema. Tudo se devia a uma greve anunciada de pilotos da TAP que nos fizera antecipar a partida de 27 para 25 de março.

Afinal, não houve greve, e as viagens foram alteradas mas a TAP esqueceu-se de alterar as reservas no sistema de «*code-sharing*» com a SATA. Chegámos ao aeroporto pelo meio-dia e entramos na última chamada às 15.30...Depois fomos surpreendidos por o avião fazer escala pela ilha de Santa Maria para se abastecer. Uma paragem infundável no alcatrão da pista, já que ninguém se lembrou de nos autorizar a esticar as pernas.

Podíamos ver a calma ilha, cuja única atividade anual de relevo é a Festa da Maré de agosto, para os jovens que nem sequer ouviram falar do movimento *hippie* e da geração de 60. A viagem acabaria por se prolongar por quase 4 horas em vez das habituais duas... Depois, em Lisboa, houve que pagar multa pelo excesso de peso: levávamos 146 kg em vez de 60...mas só cobraram 7 kg, ie, 50 euros...

Conhecidos e desconhecidos juntaram-se, no aeroporto de Lisboa, aos que tinham vindo do Porto, da Galiza e dos Açores. Da comitiva de 18, dois iriam fazer turismo e, seis iriam mais tarde uns dias. A viagem, sem nada de especial a assinalar, além do tormento que estava reservado aos fumadores. Nove horas de privações, mais as horas que antecedem o embarque.

Pelo que toca a este autor, o maior inconveniente acabou por ser uma coisa trivial. Dada a rigidez das novas normas que impedem líquidos, gelatinosos e pós, na bagagem de cabine,

acabara por não colar a dentadura e foi a viagem toda com a cremalheira solta sem a cola para fixar a falsa dentição. Um tormento, com os maxilares dançando ao som de castanholas imaginárias, dificultando a respiração e, subsequentemente, o sono.

Se não acreditam experimentem...mal se consegue falar.

Após as formalidades do aeroporto, fui a correr a um banheiro ou tualete (a nossa vulgar casa de banho) fixar a dentição. Se acharam a cena hilariante imaginem como se vão sentir velhos quando espirrarem a placa... Rumávamos a Brasília, muito arrumadinha em setores idênticos, capital artificial, cinquentenária que marca a era do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (Diamantina, 12 de setembro de 1902 — Resende, 22 de agosto de 1976) médico, militar e político brasileiro.

Foi também o início da carreira internacional do arquiteto Óscar Niemeyer, ainda vivo e lúcido, com 103 anos, Uma cidade artificial construída no planalto do estado de Goiás que me fazia lembrar a Camberra australiana, outra capital artificial, bem ordenada, limpa e metódica. Em ambas faltava um pouco do calor e da vida humana das grandes cidades desordenadas e caóticas que se encontram na maior parte dos países.

Diz a Wikipédia:

Brasília é a capital da República Federativa do Brasil e sua quarta maior cidade. Na última contagem em 2009, sua população foi estimada em 2.606.885 de habitantes. Possui o segundo maior PIB per capita do Brasil (40.696,00 reais) entre as capitais, e é a região mais desenvolvida do Centro-Oeste brasileiro. Inaugurada em 21 de abril de 1960, pelo então presidente Juscelino, Brasília é a terceira capital do Brasil, após Salvador e Rio de Janeiro.

O plano urbanístico da capital, «Plano Piloto», foi elaborado pelo urbanista Lúcio Costa, vencedor do concurso, em 1957, para o projeto urbanístico da Nova Capital, que, aproveitando o relevo da região, o adequou ao projeto do lago Paranoá, concebido em 1893.

Uma cidade quente nessa manhã e na seguinte: 30 °C pelas 06.30. As temperaturas baixavam, apenas um pouco, de noite, mas de dia mantinham-se sempre acima dos 30 nesse final de março. O primeiro percalço foi a «van» não estar à nossa espera no aeroporto. Momentos de espera, aproveitados para começar a descobrir o intrincado sistema de multibanco. Nem todos os bancos permitiam levantamentos de cartões estrangeiros. Na maior parte dos casos, o levantamento de dinheiro era feito em pequenas prestações até 300 reais (aproximadamente 120 euros) mas sem se saber porquê.

Tivemos o apoio de um membro da organização da Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, organizada pela CPLP, que ali estava à espera de conferencistas que não chegaram. Depois, desistimos e metemos pés à jornada. Que é como quem diz, arranjam os meios de transporte para uma comitiva de dez pessoas e aquilo que pareciam ser 50 peças de bagagem.

O calor apertava e o trânsito também. Chegados ao Hotel, apenas dois quartos estavam já vagos. Os que quiseram e puderam foram tomar um banho, mas as representantes da Academia Galega (Concha Rousia e Isabel Rei) e o nosso patrono dos colóquios (Malaca Casteleiro) foram para o Palácio Itamaraty, onde decorria a conferência da CPLP. <http://www.conferenciapl.itamaraty.gov.br/pt-br/participacao.xml>.

Só os tornaríamos a ver pela hora do jantar. Entretanto, a acomodação ia, devagarosamente, vagando e era quase meio-dia quando todos nos pudemos instalar. Refrescados, fomos cuidar do estômago que há mais de 24 horas não tinha uma refeição digna

desse nome. Havíamos já decidido ir conhecer a capital nessa tarde, após a refeição (a quilo). Um circuito de quatro horas na qual se constatou que as crianças das escolas vão regularmente a Museus, por mais entediantes que eles possam parecer, como o do Presidente Juscelino.

Vimos ainda a sentinela no Palácio do Planalto que tem de estar imóvel durante duas horas e sujeitar-se, a ser fotografado por todos. Achei grotesco, impróprio e desumano. O palácio onde se albergam os Senadores é bem melhor do que o dos deputados mas isso não explica a corrupção nem o «mensalão».

Sobremodo digna de menção é a igreja de Dom Bosco, na aparência discreta, com iluminação natural e albergando belos vitrais que merecem ser vistos. Ela é toda em vitral azul, isso quer dizer, que nunca vai ver essa igreja da mesma maneira. Se for de manhã, verá um azul mais claro, quase que angelical. Ao meio dia, terá um azul mais vivo e no fim da tarde, pode ter um azul quase preto, ou um azul com abóbora, dependendo da intensidade do Sol e se uma outra janela estiver aberta. À noite, quando o grande lustre se acender, bom... aí... Aí é mágico...

Deceção foi a célebre catedral, de mãos erguidas, em obras de beneficiação pelo seu cinquentenário. Ocultava-se, envolta em lonas brancas que lhe encapotavam a beleza e dificultavam imaginar a sua forma agradável. Dizem que é demasiado quente para os fiéis, segundo nos confirmou o guia, bem satírico, que se não fartava de criticar o Lula da Silva, atual presidente (e o homem mais influente do mundo, segundo a insuspeita revista Time).

Duma forma geral achei sem alma, esta cidade desenhada na forma de um avião, com os seus bairros divididos em setores, um do governo autárquico, outro do federal, outro para farmácias, outros para compras, outro para...O metro (aliás, metrô) vai só para os subúrbios mais desfavorecidos. Foi na entrada duma das estações onde vimos, pela primeira vez pobres. Em todas as cidades brasileiras, a riqueza está paredes meias com a extrema pobreza...jantou-se rodízio naquela que seria a refeição mais cara das que pagámos (60 reais por cabeça ou seja 24 euros).

Na manhã seguinte fomos tomar o «café da manhã», que é um mero eufemismo para pequeno-almoço, pois café é coisa que se não consegue beber no Brasil, em especial para os viciados em «expresso» ou «italianas» bem curtas. Já as «mininas» galegas tinham saído na sua missão de salvar a língua falada na Galiza, ameaçada pelos castelhanos. o mundo inteiro desconhece a sua guerra sem quartel. Ali, no palácio das Relações Externas, Itamaraty, de seu nome, também em obras de beneficiação para o cinquentenário, acabaríamos por fazer contactos úteis com a delegação de Timor-Leste e de Cabo Verde. Veremos se frutificam.

De Timor estavam, entre outros conhecidos, o Roque Rodrigues, ex-ministro e atual conselheiro do Presidente Ramos Horta, e o Benjamim Côrte-Real, reitor da Universidade. Se quiser ver fotos, <http://www.lusofonias.net/coloquios-todos/imagens-dos-coloquios/683-brasil-slideshow-2010-13o-coloquio.html>

28 de março: domingo. São Paulo, a agenda indicava, Visita e receção pelo Diretor do Museu da Língua Portuguesa

<http://www.museulinguaportuguesa.org.br/museudalinguaportuguesa/index.html>

Afinal não fomos recebidos nem pela «van» no aeroporto, nem pelo diretor. Estavam lá os velhos companheiros dos colóquios, a Zélia e o Cícero, para nos saudarem, dado que vivem naquela cidade de onze milhões de almas. Tivemos de andar às voltas com a bagagem, deixá-la no «guarda volumes», arrumar três táxis e encaminhar para o Museu.

Começara a chover. Eram duas e meia da tarde e ninguém almoçara nesse dia. Ao sair dos táxis, à entrada da Estação da Luz, onde hoje se encontra o Museu da Língua Portuguesa, deparamos com gente de aspeto dúbio, inativa, olhando em volta para a estação de trem e encostada às paredes.

Um policial disse que para comermos seria melhor seguir em frente uns quinhentos metros, por aquela avenida interditada ao trânsito, sem parar em lanchonete alguma, até um determinado sítio que nos indicou. Todos o fizemos. Ninguém se interrogou porque não parávamos em nenhuma das inúmeras tascas peçadas de travestis, mulheres de vida difícil, mendigos e refugio da sociedade de consumo impiedosa.

Comemos e bebemos numa taberna, mais típica do Portugal dos anos cinquenta do século passado, do que de São Paulo em 2010. Depois corremos para o Museu, que o tempo urgia e havia outro avião a não perder. Na receção, depois de cumpridas as formalidades, fomos recebidos por uma guia que pediu desculpa pois o diretor ficara em Brasília e só chegaria ao final do dia. Fotos em

<http://www.lusofonias.net/coloquios-todos/imagens-dos-coloquios/673-sao-paulo-slideshow-13o-coloquio-2010.html>

Estava lotado o Museu da Língua. É um espanto e dá largas à imaginação na preservação da cultura linguística que nos une. Além da parte informativa, o conteúdo lúdico atrai inúmeras pessoas de, todas as idades. Pensei se e quando isso aconteceu em Portugal... Era tanto mais para admirar pois era domingo e a entrada era paga (4 reais: 1,5 euros). De lá retiramos as ideias necessárias para os nossos projetos de Museu (da Lusofonia em Bragança e da Açorianidade na Lagoa, Açores). Chovia a cântaros quando entramos nos táxis de regresso ao aeroporto, através de um congestionamento de trânsito memorável.

O percurso fez-se em 40 minutos, mas o motorista dois dias antes demorara três horas....Tivemos tempo para jantar num «self-service» do aeroporto, com vista para a pista, antes de voarmos para o Rio, Cidade Maravilhosa. Ali chegamos já pelas 23 horas, e, felizmente, estavam à nossa espera num magnífico «autopullman», um ônibus que nos iria levar ao Hotel Copacabana Mar, num dos distritos mais conhecidos do Rio.

Fora um dia agitado, acordáramos em Brasília, almoçáramos em São Paulo e dormíramos no Rio. Vida de político. A temperatura acima dos 30 °C, àquela hora da noite, tornava-se mais insuportável pelo excesso de humidade do ar. Já em 1994, quando ali estivera, suportara temperaturas de 35 °C e mais com humidades próximas da saturação. A má recordação da comida brasileira que datava de então iria ser dissipada com a boa comida que nos foi servida este ano. Havia que dormir e levantar bem cedo na manhã seguinte.

O horário era apertado.

29 de março: segunda-feira Rio De Janeiro

12.00 Almoço privado com o Presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vilaça,

14.00 Palestra na Academia Brasileira <http://www.academia.org.br/> presidida pelo Presidente e pelo nosso patrono Evanildo Bechara.

Sessão pública na qual participaram Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Concha Rousia (Academia Galega da Língua Portuguesa) e Chrys Chrystello dos Colóquios.

18.00 Visita ao Real Gabinete de Leitura onde Isabel Rei (Academia Galega) deu um curto recital e os Colóquios assinaram um convénio com o Liceu Literário Português

<http://www.realgabinete.com.br/real.htm> . <http://www.liceuliterario.org.br/>

Saímos do hotel (Malaca, Anabela Mimoso, João, Helena, Telmo Nunes e o transmuntano Francisco Madruga, nosso editor convidado deste ano) pelas oito e meia da manhã, sempre em busca de um ATM ou banco que desse dinheiro. Bancos havia muitos mas dispostos a darem dinheiro eram poucos. Tivemos sorte na entrada dum supermercado Pão de Açúcar numa máquina, que não era o habitual buraco na parede.

O Malaca recolheu aos aposentos devido ao calor e humidade excessivos. Mesmo em frente ao Hotel Copacabana (os Rolling Stones deram ali um dos seus maiores concertos em 2008), o meu filho João fora dar um mergulho nas águas quentes de Copacabana, naquilo que será, decerto, um momento alto nas suas memórias futuras. Quem sabe se não estaria a viver o melhor dia da juventude sem o saber? Andamos cerca de 5 km, para trás e para a frente, ao longo daquela marginal infindável.

Tive de regressar ao hotel para me aprontar para o almoço. Viria a ser um momento inolvidável, rodeado de «imortais que não imorríveis», como diz o Bechara. Um mero aprendiz de feiticeiro no Olimpo com os Deuses.

Fotos em <http://www.lusofonias.net/coloquios-todos/imagens-dos-coloquios/730-abl-rio-2010.html>

O Presidente da Academia Brasileira de Letras, Professor Marcos Vilaça, foi muito simpático ofertando livros, uma medalha comemorativa de Machado de Assis e um lauto almoço com uma especialidade de bolo de Pernambuco que é uma réplica da bebinca de Macau e de Goa. Vilaça insistiu em presidir à abertura da palestra, antes de ceder o lugar ao Bechara.

Dezenas de jovens e alguns ilustres académicos enchiam o auditório, naquela sessão de pouco mais de três horas que jamais esqueerei. Além dos livros, da medalha ainda nos ofereceram um pagamento simbólico, mil reais, chamado «jeton», que atribuem a todos os académicos que ali vão discursar. Senti-me como o primeiro homem a andar no espaço sideral. Quando aterrar, avisarei.

Depois do jantar abateu-se uma enorme tempestade de chuvas torrenciais e trovoadas altissonantes que, por mais de uma hora, nos impediu de regressar. De manhã, estávamos, deabalada para o estado catarinense. Nos dias seguintes seria uma agenda plena de atividades, visitas, seminários, palestras e sessões de esclarecimento, antes do começo formal dos colóquios

Programa:

31 de março quarta-feira

09:00 – Seminário das Cidades Fortificadas na UFSC.

10:30 – Visita, sessão de esclarecimentos e chamada para o Açorianópolis no Colégio Salvatoriano N. S. de Fátima, no continente (Educação Básica e Ensino Médio)

15.00 Receção na Câmara de vereadores, homenagem à comitiva

17.00 Sessão de esclarecimentos na UNISUL

01 de abril, 5ª feira – Florianópolis

Passeio ao sul da ilha. Visita ao Ribeirão da Ilha, Ecomuseu (com palestra do professor Nereu do Vale Pereira), passando pelo Porto do Contrato (petiscos)

Almoço no Pântano do Sul, restaurante Arantes

02 de abril, 6ª feira santa - Florianópolis

Passeio de escuna as Fortalezas de Santa Cruz na ilha de Anhatomirim e de santo António de Ratonas, e São José da Ponta Grossa (Seminário)

03 de abril, sábado – Florianópolis

Norte de Ilha, Santo Antônio de Lisboa uma das povoações mais antigas da Ilha de Santa Catarina. Essa área de preservação cultural guarda a tradição da comunidade pesqueira, juntamente com casarios centenários e uma rua pavimentada com pedras brutas do tempo da escravidão.

Destaque para a Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, construída entre 1750 e 1756, considerada uma das mais charmosas da Ilha, e a bicentenária Casa Açoriana, galeria de arte e museu popular.

Almoço no Restaurante Chão Batido em Santo Antônio de Lisboa. Retorno ao hotel. Encontro com a imprensa.

04 de abril/domingo/Páscoa – Florianópolis

10.00 A Prefeitura Municipal de Palhoça recebe a comitiva oficial para um dia cultural com oferta de almoço

19:00 O Prefeito da cidade de Governador Celso Ramos homenageia a comitiva com um documentário «Ganchos entre mares e montanhas» no hotel Maria do Mar

05 de abril de 2010

2ª Sessão de esclarecimento UFSC e visita ao NEA (núcleo de estudos açorianos de Joi Cletison)